

Heranças espirituais: literatura faz pensar

Michel Riaudel¹

NUNES, Benedito. A clave do poético: ensaios. Victor Sales Pinheiro (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 448 p.

*O tempo que vivemos sedimenta-se em nossas almas como experiência
fora do tempo.*

Andréi Tarkovski

“A clave do poético” é fórmula extraída do primeiro dos ensaios reunidos por Victor Sales Pinheiro. A palavra *clave* traz com ela seu substrato latino, um halo de erudição, a marca de uma formação clássica, a afinidade com outras artes, no caso a música. O vocábulo aponta também, e sobretudo, para a finalidade da poesia, fadada à captação de certa verdade: sua função seria abrir a porta de mistérios, de enigmas, do inefável que a linguagem comum não alcança. O poético constituiria assim uma das modalidades de conhecimento do mundo e de entendimento de si mesmo. Daí a proximidade e interlocução da poesia com a filosofia, a que se detém o ensaio liminar, dedicado ao “caminho [do autor] na crítica”.

Nascido em 1929, formado em Direito numa época em que não existiam faculdades de Letras em Belém, Benedito Nunes define-se como “autodidata metódico e sistemático” em Filosofia e Literatura. O método, o espírito de sistema, afastou-o de qualquer diletantismo superficial, muitas vezes associado à ideia de autodidata, pelo amplo leque de suas leituras e referências. Parece ter lido tudo. E quando se debruça sobre um texto, um autor, o estudo é profundo e exaustivo, aliando a obstinação analítica a uma rara aptidão sintética donde nascem frases

1 Professor na Universidade de Poitiers-CRLA/Archivos. Estudou a obra de Ana Cristina Cesar, publicou sobre o modernismo, a “antropofagia”, a ficção contemporânea. Traduziu A. C. Cesar, Milton Hatoum, Modesto Carone, José Almino, e em colaboração com Benedito Nunes, *Crônicas* de Saint-John Perse. E-mail: michel.riaudel@univ-poitiers.fr

cerradas e densas. Contudo, vem do autodidata a liberdade em relação aos cânones, ao repertório e às disciplinas – seu hibridismo filosófico-poético, que o orientou para o campo da estética e para pensadores de sua predileção como Heidegger (a quem dedicou inúmeros ensaios, o mais extenso deles sendo *Passagem para o poético*: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986), Merleau-Ponty, Ricœur... Benedito Nunes se deixava guiar pelo intuito, pela sensibilidade, por sua disponibilidade e capacidade de ouvir e aprender, com os textos e com os outros. Assim como pela indiferença ou desconfiança em relação a todos os modismos e escolas, guiando-se, portanto, pela sua independência que é a condição mestra da arte de pensar.

O acerto do título e a diversidade dos textos levam a considerar que nenhum outro livro seria talvez mais indicado como introdução à obra do crítico filósofo. Fechando o ciclo das publicações em vida – Benedito Nunes faleceu em 27 de fevereiro de 2011 –, a coletânea, organizada por Victor Sales Pinheiro, abraça quase quarenta anos de sua atividade crítica (iniciada há 45 anos, com ensaio dedicado a Clarice Lispector, lançado em 1966).

A chave do poético divide-se em duas partes, “Pensando a literatura” e “Crítica de autores”. O primeiro conjunto deixa muito claro o diálogo que o autor mantinha com seus contemporâneos, às vezes polemizando com certos processos de empobrecimento e liquidação dos valores, mais frequentemente se lançando a vastos panoramas e balanços da situação da crítica, do romance ou da poesia ou, então, discutindo sem sectarismo com os colegas do ofício. “Prolegômenos a uma crítica da razão estética” prefacia um livro de Luiz Costa Lima sobre a mimese; “O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na literatura”, debate com uma intervenção de Alfredo Bosi.

Na medida em que este último artigo tem um conteúdo autorreflexivo (intérpretes pensando o trabalho de interpretação), vale a pena examinar as nuances entre os dois críticos para melhor entender a disciplina de Benedito Nunes. Ambos afirmam uma postura hermenêutica, compartilhando em última instância a referência comum a *Verdade e método*, de Hans-Georg Gadamer. No entanto, em “A interpretação da obra literária” (in: BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988. p. 274-287), Alfredo Bosi insiste no “querer-dizer” do texto, concebendo a interpretação como um trabalho de mediação entre o autor e os leitores, encarregado de “recompôr”, de “reviver” a inspiração do texto-fonte. Na esteira de Vico, os conceitos-chave desta “ciência” da compreensão são o Sujeito e a História, aliados na definição de um *ethos* e de um *telos*.

Benedito Nunes, por sua vez, indica que esta “compreensão é produtiva”, aplicando sua “própria historicidade” à construção do sentido.

Valendo-se *en passant* de Michel Foucault – “a linguagem não diz exatamente o que diz. O sentido [...] imediatamente manifesto [...] encerra [...], transmite outro sentido” –, o crítico paraense “faz do hermeneuta um copartícipe da criação poética”. Portanto, ao salientar a dimensão intersubjetiva da crítica, ele dá um passo na direção de Nietzsche (que fala no fragmento 374 da *Gaya Scienza* da *infinidade de interpretações*) e Paul Valéry (transferindo a garantia do sentido, i.e. a função *auctor*, do escritor para o leitor), sem contudo traspasar o Rubicão do perspectivismo. A História, considerada em sua mão dupla, o Sujeito, tão opaco quanto a linguagem, recuperam uma dimensão paradoxal avessa às induções ideológicas. Em outras palavras, Benedito Nunes mostra-se mais permeável às lições da fenomenologia, complicando a relação sujeito/objeto, valorizando talvez mais o *ethos* da obra do que seu *telos*.

A conversa será reatada na segunda parte do livro, com a resenha do estudo de Alfredo Bosi sobre Machado de Assis, *O enigma do olhar*. Com agudeza e empatia, porém acrescentando de novo uma mínima singularidade, seu próprio toque, ao realçar de leve o ceticismo machadiano do qual decorrem a distância e o humor, o sábio e humilde sorriso da melancolia. Outros ensaios homenageiam poetas-críticos, como Haroldo de Campos e Affonso Ávila, também personagens destacados do ensaio “Trinta anos depois”, na primeira parte do livro (p. 174-185). No precioso índice remissivo, que fará jus a todos os nomes referidos, vai se evidenciando outra face da postura profundamente ética de Benedito Nunes: a fidelidade aos laços amigos.

Esta constância tem límpida expressão na seção reservada a conterrâneos, Dalcídio Jurandir, Max Martins e Mário Faustino, assim como nas páginas contemplando Haroldo Maranhão no texto de abertura. Mas essas análises nunca resvalam em complacência ou regionalismo; aplicam, pelo contrário, o mesmo rigor analítico equânime, apenas empenhado em reintegrar as margens geográficas no mapeamento patrimonial nacional, como o faz também de outra maneira no ensaio “Os tristes, brutos índios de Vieira”.

Ao lado das páginas em que relê Rilke, Safo ou Cervantes, vale destacar os iluminados capítulos consagrados a Carlos Drummond de Andrade e a Clarice Lispector, esta, “paixão” literária da vida inteira, já que a ela dedicou, entre outros títulos, *O drama da linguagem*: uma leitura de Clarice Lispector (São Paulo: Ática, 1994), assim como organizou a edição crítica da *Paixão segundo G. H.* (Paris: Archivos, 1996). Clarice Lispector ocupa no livro, aliás, um lugar singular, invertendo às vezes os papéis quando ela interpela o crítico “algo diferente”, ou

quando o entrevista em “O que está acontecendo com a literatura brasileira hoje” (p. 186-193).

Em “Carlos Drummond: a morte absoluta”, Benedito Nunes propõe um passeio por peças nem sempre muito comentadas da imensa obra poética do mineiro, além de desvios, confrontando-o a Pessoa, Laforgue, Corbière, Montaigne, T. S. Eliot...; e opera, além de tudo, o oportuno retorno a outra temática cara ao crítico: o tempo (cf. por exemplo NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988). Pois é através da morte que a vida se inscreve na temporalidade: “[...] como é no tempo, e através dele, que a corrente entre os mortos e os vivos solda seus elos, talvez nasça, de cada ruptura do próprio tempo, o ponto de origem da *eternidade negativa*”. Por trás dessas páginas, transparece a revolução kantiana que faz do tempo não mais um limite externo ao homem, mas a forma mesma de sua interioridade. Talvez seja este o eixo determinante da comunhão de Benedito Nunes com a poesia, pois nele se entrecruzam as declinações contemplativas das interrogações do crítico.

Não por acaso esses questionamentos também irão se articular à noção de “paixão”, associada obviamente à autora de *A hora da estrela* e *A paixão segundo G. H.*, em que o tempo da narrativa se dissolve na indistinção “entre *descrever* e *meditar*”. Na obra clariciana, esclarece Benedito Nunes, tudo “pode ser narrado, mas tendendo para o inenarrável em que tudo culmina”. Com ela a literatura *neutraliza* a linguagem até chegar a um êxtase de mãos dadas com o leitor. Tal como o nosso hermeneuta, lançando a mão fraterna para acompanhar seu leitor em viagens interpretativas de altos rendimentos.

Andréi Tarkovski fazia do cinema a arte do tempo por excelência, não por se desenvolver em uma duração – nisso não se distinguiria do teatro, do balé... –, mas por fixar, compactar, encaixar e selar instantes na película, em duração irremovível. Apostamos que estes “instantâneos” críticos de Benedito Nunes aqui reunidos reajam hoje diante de nossos olhos como viva e vívida concreção de tempos, como *definitiva* e sensível “experiência fora do tempo”.